

No caminho das mudanças

Luís Mauro Sá Martino
Carolina Frazon Terra
Francisco de Assis

Faculdade Cásper Líbero | libero@casperlibero.edu.br

Conforme anunciado na edição anterior, **LÍBERO** dá continuidade, no primeiro número de 2021, a uma série de mudanças que pretendem marcar nova fase, orientadas a aprimorar seu desempenho e a reforçar seu compromisso com a divulgação e a circulação de conhecimento gerado e articulado no campo da Comunicação. Num cenário bastante conturbado, que tem marcado as sociedades mundo afora, e especialmente considerando a realidade brasileira, dedicar esforços a aprimorar uma revista científica, em vários de seus aspectos, consiste em um dos muitos atos de resistência a que somos chamados a realizar, valorizando processos contrários ao obscurantismo e ao negacionismo. O desejo de fazê-la “um espaço marcado, cada vez mais, por excelência e pluralidade”, afirmado no último editorial, acompanha o compromisso ético de defesa da ciência.

Esta edição traz mais duas novidades. Uma delas é a periodicidade de **LÍBERO**, que passa a ser quadrimestral, permitindo a publicação de maior número de artigos por ano, de modo a dar mais celeridade aos fluxos de submissão, avaliação por pares e preparação de originais e a acompanhar tendência majoritária nos periódicos que se situam no âmbito

das Ciências Sociais Aplicadas no Brasil. A outra novidade é a identidade visual, conformada em novo projeto gráfico, elaborado com a intenção de garantir melhor legibilidade aos textos e, conseqüentemente, tornar sua apreciação mais agradável.

Seguindo o padrão já estabelecido em 2020, a primeira e a segunda parte deste n° 47 são dedicadas, respectivamente, à seção **Texto em Contexto** e ao dossiê. A primeira delas comporta o ensaio *Entre o sanatório e o manicômio: crises e oportunidades para a pesquisa em comunicação social no Brasil em tempos de pandemia*, no qual o autor convidado, Marcelo Santos, docente da Universidad Finis Terrae (Chile), lança provocações a respeito da produção científica efetuada nos limites do nosso campo, privilegiando duas dimensões que, em seu modo de ver, são preponderantes: as tensões sociopolíticas que atravessam os fenômenos contemporâneos e as dinâmicas dos processos comunicacionais alteradas constantemente pelos aparatos digitais e pelos modelos de produção e circulação de informações deles decorrentes.

O dossiê **Cinema, vídeo e transmissão multimídia na internet**, que ocupa a segunda parte, também se atém aos desdobramentos derivados do avanço tecnológico, os quais atingem em cheio experiências relacionadas ao audiovisual, quer por facilitarem a produção de materiais por pessoas amadoras, quer por reorganizarem as dinâmicas e a agenda da mídia *mainstream*, levando-a a se adaptar a novos e diferentes padrões de recepção. Essa seção temática foi pensada e organizada por três editores convidados: a professora Lara Lima Satler e os professores Hugo Alexandre Dantas do Nascimento e Daniel Christino, da Universidade Federal de Goiás (UFG), a quem agradecemos pelas ações empreendidas durante meses, desde a elaboração da ementa para a chamada até a conclusão do processo de avaliação dos originais. A introdução por eles assinada, *O cinema e o vídeo transmitidos pela internet: performatividade e sensorium*, esboça um panorama no qual as discussões se situam e oferece chaves de leitura para o que vem na sequência.

Importa registrar que, das 20 submissões feitas ao dossiê, foram aprovados oito artigos (40%) – os quais, portanto, integram sua composição final. Os três primeiros se voltam à maneira como os filmes são afetados pelas potencialidades dos aparatos digitais e aos sentidos gerados a partir de processos audiovisuais reconfigurados. Em *O cinema das mídias digitais: o filme a partir do computador e do celular*, Luciano Marafon e Denize Araujo tensionam os conceitos tradicionais relacionados ao cinema, refletindo sobre sua (im)permanência diante de produções que se valem basicamente de dispositivos móveis para a realização. Homem comum e a cultura do fragmento, de Gabriel Malinowski, analisa um filme do cineasta Carlos Nader, associando-o à cultura fragmentada que caracteriza o nosso tempo e cujas particularidades se projetam tanto na montagem e na edição da obra em destaque quanto na sua circulação. Já *Curta o movimento: uma análise fílmica sobre a produção do espaço urbano em metrópoles brasileiras*, de Antonio Fagner da Silva Bastos, Cédric Cunha Gomes da Silva e Sérgio Carvalho Benício de Mello, busca decifrar a malha de significados que curtas-metragens sobre mobilidade urbana se propõem a construir e a enfatizar.

Num segundo momento, as discussões levantadas destacam o predomínio do YouTube no consumo de vídeos e as dinâmicas envolvidas na recepção de conteúdos por ele disponibilizados. Thiago Soares, Gabriel Albuquerque e Eduardo Rodrigues, em *Os piores videoclipes do canal KondZilla: performance e fracasso em dinâmicas valorativas em rede*,

debatem sobre os critérios estéticos considerados na apreciação de videoclipes, observando como internautas se comportam em relação às postagens de uma produtora conhecida pela atuação no segmento do funk. Por sua vez, Jardel Orlandin e Tiago Ricciardi Correa Lopes, em *Formas de acesso e de consumo no YouTube: passagens tecnoculturais para vídeos em plataformas online*, estabelecem parâmetros para explorar as maneiras como a plataforma se organiza e se apresenta a seus usuários.

O trecho final reúne mais três contribuições que tratam das alterações que os serviços de *streaming* têm promovido no cenário contemporâneo. *Produções periféricas e circulação de conteúdos audiovisuais em plataformas: análise do projeto Curta em Casa na Globoplay*, de Eduardo Paschoal de Sousa e Thiago Siqueira Venanzoni, focaliza um conjunto de vídeos elaborados por moradores da periferia de São Paulo, durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19, bem como sua posterior ressignificação, notando diferenças de sentidos entre as produções originais e a forma que tomaram ao serem editadas para veiculação na plataforma do Grupo Globo. *Netflix e o mercado da nostalgia: uma abordagem metodológica da minissérie Hollywood*, de Talita Souza Magnolo, Ana Paula Dessupoio Chaves e Christina Ferraz Musse, apresenta um protocolo metodológico construído para analisar produtos audiovisuais – especialmente os ofertados conforme a lógica do *streaming* – calcados no saudosismo despertado por narrativas que recompõem momentos passados. E, enfim, *Netflix como alternativa para a distribuição e exibição de filmes sul-coreanos no Brasil*, de Ana Paula Silva Ladeira Costa e Heloísa Castilho Fernandes, explora a inserção do cinema sul-coreano no mercado brasileiro por meio da Netflix, que se situa como lugar alternativo aos circuitos tradicionais de exibição de filmes, os quais pouco espaço oferecem às produções asiáticas.

A última seção, denominada **Artigos**, reúne quatro textos acerca de temáticas diversas, submetidos a avaliação em fluxo contínuo. Os dois primeiros se voltam ao universo da publicidade. Em *A carne mais barata do mercado na publicidade: representatividade negra em anúncios publicitários*, Pablo Moreno Fernandes observa como pessoas negras ocupam espaço em campanhas publicitárias de instituições financeiras, revelando que essas abordagens, apesar de se afastarem de um padrão que dá destaque exclusivamente a pessoas brancas, não são capazes de desconstruir certos estereótipos. Em seguida, *A identidade regional pelas lentes da publicidade: produção de sentidos sobre a relação local-global na Amazônia paraense*, de Marcia Perencin Tondato e Leonardo Santana dos Santos Rodrigues, tensiona as apropriações que duas empresas – uma fábrica local e uma multinacional – fazem de aspectos característicos do Pará, especialmente de Belém, em seus anúncios, identificando as maneiras com que são elaborados em atendimento a interesses mercadológicos.

No artigo *Conflitos em pauta e em cena: a disputa de poder entre Bolsonaro e JN em um panorama de pandemia*, o grupo de pesquisadores formado por Luiz Felipe Novais Falcão, Simone Martins, Iluska Coutinho, Paulo Roberto Figueira Leal, Mayra Regina Coimbra e Luiz Ademir de Oliveira analisa os embates narrativos entre o governo federal e o principal telejornal da *Rede Globo*, no que diz respeito ao enfrentamento da pandemia de Covid-19, esmiuçando os enquadramentos conferidos ao tema que se tornou o principal alvo de conflitos entre aqueles atores sociais. Por fim, Adriana da Rosa Amaral e Caroline Govari, em *Dos fluxos midiáticos entre o mainstream e o underground: os encontros e desencontros de Madonna e as subculturas*, discutem como a cantora Madonna, ícone da música pop,

aproxima tendências e movimentos musicais distintos, por vezes tidos como opostos, em fluxos midiáticos específicos.

Para encerrar, destacamos que o encaminhamento das mudanças propostas só tem sido possível em razão do trabalho colaborativo realizado não apenas pela equipe editorial, mas também por pesquisadores que, espontaneamente ou a convite, participam da produção de **LÍBERO**, como autores, pareceristas¹ ou editores de seção. A marca da pluralidade, de início reforçada, está imbuída dessa soma de esforços, a qual merece reconhecimento. Por isso mesmo, registramos, para além das menções já feitas, sinceros agradecimentos à professora Ana Luiza Coiro Moraes, pela articulação das tratativas que resultaram no dossiê desta edição, à Dora Carvalho, pós-doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero, pela revisão dos artigos, e ao Felipe Fonseca, mestrando também no PPGCOM, pela fotografia que ilustra a capa.

Que a leitura seja proveitosa.

¹ Os pareceristas que estão se dedicando a avaliar os artigos submetidos às edições de **LÍBERO** em 2021 serão listados no último editorial do ano.